

CLIPPING

JORNAL



Vitrine da dança contemporânea do país, festival abre 1ª edição brasileira com 70 espetáculos em 15 cidades por 3 meses

IRARA RIDERMAN
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Uma grande ocupação francesa começa nesta quinta (18), em Petrópolis, região serrana fluminense, e se estende até 15 de novembro por diversas regiões do país.

O "France Danse", programa do Institut Français para difusão da dança contemporânea do país, vai ser realizado pela primeira vez no Brasil. A 16ª edição do festival, que já passou por Europa, Ásia e América do Norte, promete ser a maior do projeto, iniciado em 2007.

Durante quase três meses serão apresentados 70 espetáculos de companhias francesas — em 2014, nos Estados Unidos, foram 66 sessões; no ano passado, houve uma edição reduzida na Rússia, com apenas cinco coreógrafos. Serão cerca de 150 profissionais que trabalham na França, de nomes conhecidos (como os coreógrafos Jérôme Bel e Maguy Marin) a artistas que só recentemente despontaram no cenário internacional.

Eles circularão por 15 cidades brasileiras, de Fortaleza a Porto Alegre. Além de encenarem espetáculos, participam de seminários, workshops e residências artísticas. O governo da França, por meio do Institut Français e do Ministério das Relações Exteriores, vai bancar entre 50% e 60% do programa, cujo custo, segundo os organizadores, ainda não é possível calcular. É uma espécie de orçamento "em processo", fragmentado em parcerias: instituições como o Sesc, o Centro Cultural Banco do Brasil e a Aliança Francesa, administradores de teatros públicos e priva-

dos, produtoras de turnês comerciais e organizações de mostras de teatro e dança.

Cada um entra com uma parte da produção, da cessão do espaço ao investimento direto. Alguns festivais brasilei-

ros, como o Filo (Londrina) e a Bienal Internacional de Dança do Ceará, incorporaram o evento à sua programação.

O mosaico de parcerias, diz a organização do France Danse, é uma forma de viabilizar

um grande evento em tempos de crise econômica e patrocínios escassos e contribui para a diversidade do repertório.

"A escolha de companhias e bailarinos foi feita em conjunto entre a equipe do festi-

val e os parceiros brasileiros", afirma João Carlos Couto Magalhães, coordenador geral do evento no Brasil.

"A grade de programação é equilibrada entre profissionais consagrados e pouco co-

nhecidos, coreógrafos homens e mulheres e profissionais de nacionalidade francesa e estrangeiros sediados na França", diz Magalhães.

Alguns espetáculos serão criados em conjunto com grupos nacionais ou montados com elenco franco-brasileiro.

É o caso de "Nos", coreografia de Fabrice Ramalingom para três bailarinos brasileiros, com ensaios programados para novembro, no Rio de Janeiro, e que tem previsão de ir ao festival de Montpellier (França) em 2017.

Na mesma linha, "Gala", criado em 2015 por Jérôme Bel, será montada com um elenco misto de profissionais de dança e amadores escolhidos em São Paulo e no Rio.

É o seminário "Ida e Volta", com curadoria de Cassia Navas, da Unicamp, e Isabel Leunay, da Université Paris 8, reunirá em São Paulo e em Fortaleza encontros entre pesquisadores dos dois países.

A intenção dos organizadores é, a partir do primeiro France Danse Brasil, criar um fundo para projetos compartilhados que se estendam após o fim das atividades do evento de 2016.

Encontros para discutir políticas públicas para a dança também estão no horizonte. A França é conhecida por modelos bastante eficazes, como os centros coreográficos regionais, mas a "missão diplomática da França" não pretende exportar fórmulas prontas.

"Não queremos explicar aos brasileiros como se faz a lição. Cada país deve encontrar seus modelos, de acordo com suas diferenças", afirma Inês da Silva, adida cultural do consulado da França em São Paulo.

PLUS Outros destaques do festival



JÉRÔME BEL
O coreógrafo traz "The Show Must Go On", com músicas dos últimos 30 anos, no Rio, e "Gala" (foto), com bailarinos deficientes, em São Paulo



MAGUY MARIN
Ao som de música techno, a coreógrafa discute em "BIT" a sociedade contemporânea. Em Porto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo



KÄFIG
O grupo de Mourad Merzouki explora o hip-hop e a tecnologia em "Pixel". Em Belo Horizonte, Paulínia, Rio, São Paulo, Curitiba e Salvador



CHRISTIAN RIZZO
No solo "Sakinan göze çöp batar", Rizzo fala de melancolia e exílio. As apresentações acontecem em Fortaleza, Londrina e São Paulo



FABRICE RAMALINGOM
Encena "Hyperrestres" em Fortaleza, "Ma" em Natal e Recife, e "Conférence Déesnée" (foto) em Porto Alegre e São Paulo

As entradas gratuitas e ingressos a até R\$ 80, a programação completa está no site www.ambalfrance-br.org/ FranceDanse-Brasil

Coreógrafo analisa relação entre a dança e o tempo

MARIA LUISA BARSANELLI
DE SÃO PAULO

Quando elaborava, há três anos, "Nervures" (nervuras), que ilustra o alto desta página, o coreógrafo francês Fabrice Lambert pensou na imagem de uma folha de árvore, irrigada a todo instante.

O espetáculo, que abre o France Danse nesta quinta (18) em Petrópolis (RJ) e depois passa por Rio e Londrina, "questiona as prolongações, as nossas extensões", afirma a **Folha** o coreógrafo, diretor do grupo Expérience Harmaat.

Porém, mais do que estudar a relação do movimento com o espaço, Lambert analisa de que modo a coreografia se relaciona com o tempo. "A dança toca numa questão muito original de temporalidade. É um movimento que se define diante dos nossos olhos e que marca cada instante do presente."

Em seu solo, no qual também atua, o coreógrafo põe em contraponto o peso do corpo e a leveza do tempo. É acompanhado em cena de uma instalação: "Mobile n° 8", do artista francês Xavier Veilhan.

Trata-se de uma estrutura de canos ligados entre si e ao teto por um fio. Lambert dança ao redor do objeto com movimentos ora sutis, ora frenéticos. Por vezes, enroscase na instalação. "Ele é um contrapeso assimétrico ao meu corpo", explica o coreógrafo.

Em determinados momentos do espetáculo, ouvem-se gravações de depoimentos de cegos, alguns que já nasce-

ram sem a visão, outros que a perderam mais tarde. São cerca de 20, entrevistados por Lambert a respeito do que é, para eles, a paisagem, como percebem as cores, as formas.

Esses áudios entram em cena "como fantasmas", define o francês. "E dão pinceladas de tinta aos espetáculo."

Dentro do France Danse, Lambert ainda encena outro solo, com apenas uma sessão em Florianópolis, no dia 31/8. Em "Gravité" (gravidade), criado em 2007, Lambert cria movimentos serenos sobre um palco coberto de água.

Dança

Panorama contemporâneo da França

Pela primeira vez em sua trajetória, France Danse coloca 16 companhias em circulação por 15 cidades brasileiras

Leandro Nunes

É na tensão entre corpo e tecnologia que o coreógrafo Mourad Merzouki compõe seu inventivo hip hop. Há 20 anos, o francês mantém os caminhos abertos para cruzar com linguagens e artistas diversos. Foi assim em 2006, quando concebeu o espetáculo *Agwu*, com bailarinos cariocas, durante a Bienal de Dança de Lyon, em 2006. A parceria se estendeu, e Merzouki estreou *Käfig Brasil*.

Em Pixel, seu mais recente trabalho, o coreógrafo coloca os bailarinos para dançar em cima de malhas e interagir com objetos virtuais. O espetáculo estará na programação do France Danse 2016, uma seleção de companhias francesas que vai circular entre 15 cidades brasileiras a partir dessa quinta, 18.

A tecnologia também perpassa o trabalho da coreógrafa Maguy Marin, que estreou em 2014 o espetáculo *BIT*. Inspirado no termo que se refere à unidade de medida da informação, o trabalho da francesa compõe uma dança alegre e, ao mesmo tempo, desesperada. A montagem tem como estrutura as antigas danças coletivas, que trata des-



Pixel. Espetáculo de Mourad Merzouki mescla coreografias em um palco interativo e virtual

de os ritos de amor até rituais macabros e que serão pautados pelos beats da música techno.

A não dança de Jérôme Bel também está presente na programação com *The Show Must*

Go On (2011), no qual o coreógrafo coloca 20 bailarinos para dançar sucessos dos últimos trinta anos escolhidos por um DJ.

De maneira semelhante, *Gala*

(2015) cria um lugar pacífico para que sucesso e fracasso existam. Nele, bailarinos profissionais e amadores dançam juntos e executam passos de acordo com suas habilidades e limites.

DESTAQUES

- **BIT**
Sesc São Paulo (7 e 8/10)
- **Lied Ballet**
Teatro Bradesco (11/10)
- **Pixel**
Teatro Alfa (5,6 e 7/11)
- **Conférence Dansée**
Festival de Dança Contemporânea de São Paulo (4, 5 e 6/11)
- **Sacre**
Sesc São Paulo (18 a 21/10)
- **Batterie**
Sesc São Paulo (18 a 21/10)
- **Seminário: O significado do Barroco**
Teatro Sérgio Cardoso (18 a 24/10)

olhar também acompanha as nacionalidades dos coreógrafos. "Temos representantes de outros países, como Costa do Marfim, que produzem trabalhos na França", disse ao citar o espetáculo *Quartiers Libres*, da marfinesa Nadia Beugré. Sua performance explora o conceito de espaços proibidos e como eles se confundem com espaços de expressão, e revelação.

A mostra ainda vai realizar um seminário no Centro de Referência da Dança, em São Paulo, sobre dança barroca, e que pretende resgatar o contexto histórico da expressão.

Haverá também o Ida-E-Volta: Dança Brasil-França, uma série de encontros entre pesquisadores de 11 universidades, promovido no Teatro Sérgio Cardoso, entre os dias 18 e 20 de outubro, e durante a Bienal Internacional de Dança do Ceará, em 20 e 24 de outubro.

FRANCE DANSE 2016

Vários locais. De 18/8 a 15/11. Mais informações no link: <http://www.ambafrance-br.org/-FranceDanse-Brasil-2016->

"São linguagens que concentram um recorte do que há de mais interessante na dança contemporânea francesa", afirmou o coordenador geral João Carlos Couto Magalhães. Esse

PROJETO

Para formação e acesso

Estão abertas até próxima terça (30) as inscrições para o Trajetos EnCena: Ateliês de Criação, Formação, Produção e Cenotécnica em Artes Cênicas e para Escola Hip Hop de Beat & Rima, pelo site do Mapa Cultural do Ceará (mapa.cultura.ce.gov.br).

Idealizado em parceria com a Bienal Internacional de Dança, o Trajetos EnCena constitui ação artística e formativa que se mobiliza a partir da pergunta: como contribuir para o acesso de jovens e adolescentes aos saberes-fazeres teatrais, seja no

palco ou nas coxias? O projeto integra as novidades do Programa de Formação do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), cuja reabertura acontece hoje, com o Festival Bom Demais.

O Trajetos EnCena contempla, de um lado, a produção de obras coreográficas envolvendo bailarinos e atores do Grande Bom Jardim, em ateliê coordenado por experientes coreógrafos. Os trabalhos resultantes serão apresentados na Bienal Internacional de Dança 2016; de outro, a realização de laboratórios de iluminação, figurino e

cenotécnica, com criação de obras e participação nas equipes da Bienal. Interessados devem ter a partir de 16 anos, disponibilidade de tempo e demonstrar motivação por carta de intenção, vídeo ou áudio. Para os ateliês é necessário experiência em artes cênicas.

As formações acontecem no Centro Dragão do Mar e na Casa da Esquina. Neste ano, o Trajetos EnCena inova trazendo, como ateliê, a Escola Hip Hop de Beat & Rima. Aos participantes, será disponibilizado certificado e bolsa de R\$ 300.

CLIPPING

Veículo: DIÁRIO DO NORDESTE

/ CE

Editoria: ZOEIRA

Local: MEGA AGENDA

Pág: 06

cm/col: 5,5

Data: 01-02/ 10/ 2016



Mega Agenda

DE 21 A 30

BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA

Este ano, participam artistas do Brasil, Canadá, França e Suíça para a programação que acontecerá em Fortaleza e se estenderá às cidades de Sobral, Juazeiro do Norte, Paracuru, Itapipoca e Trairi. Consultar programação em www.bienaldedanca.com. Acesso gratuito. (3268.3034)

CLIPPING

Veículo: DIÁRIO DO NORDESTE

/ CE

Editoria: CADERNO 3

Local: MÁRCIA TRAVESSONI

Pág: 07

cm/col: 4,0

data: 11/ 10/ 2016



DIÁRIO DO NORDESTE

FORTALEZA, CEARÁ - TERÇA-FEIRA, 11 DE OUTUBRO DE 2016

Márcia Travessoni

marcia.travessoni@diariodonordeste.com.br



■ A V Bienal Internacional de Dança do Ceará apresenta “Com Passo Sincopado”, uma aula-espetáculo sobre dança e cultura brasileira com Antônio Nóbrega, no Cineteatro São Luiz, dia 21, às 21h. A entrada é gratuita e a distribuição de ingressos acontecerá no local, a partir do dia 19, às 10h.

CLIPPING

Veículo: DIÁRIO DO NORDESTE

/ CE

Editoria: NEGÓCIOS

Local: VAVÉM

Pág: 10

cm/col: 5,5

data: 15/ 10/ 2016



VAIVÉM

José Maria Melo

vaivem@diariodonordeste.com.br



De Par Em Par

■ Antonio Nóbrega se apresenta no Cineteatro São Luiz, em Fortaleza, no próximo dia 21, com a aula-espetáculo Com Passo Sincopado. O espetáculo marca a abertura da V Bienal Internacional de Dança do Ceará/ De Par Em Par.

CLIPPING

Veículo: DIÁRIO DO NORDESTE

/ CE

Editoria: 1ª PÁGINA

Local:

Pág: 01

cm/col: 42,0

data: 20/ 10/ 2016



Diário

do Nordeste

FUNDADOR **EDSON QUEIROZ**
www.diariodonordeste.com.br

Caderno3

PONTE DE COMUNHÃO

A linguagem corporal, presente na dança, aproxima regiões. As discussões inerentes à atividade estarão em debate na V Bienal Internacional de Dança do Ceará, a partir de amanhã.

Páginas 1 e 2



Diário do Nordeste | FORTALEZA, CEARÁ
Quinta-feira, 20 de outubro de 2016



Caderno 3

diariodonordeste.com.br/caderno3

Os (des)encontros da DANÇA

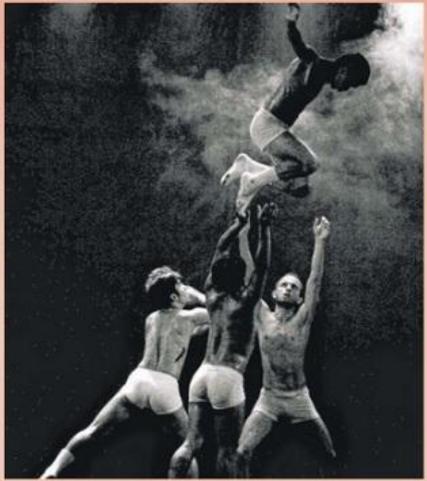
Com início nesta sexta (21), a V Bienal De Par em Par aproxima a produção nacional do que vem sendo feito na Europa, especialmente na França, estreitando laços e discutindo a abrangência da dança contemporânea

ROBERTA SOUZA
Repórter

Diferente da expressão oral, que pode tropeçar em barreiras idiomáticas, a corporal tende a ser "compactuada" com mais facilidade e, por isso mesmo, na maioria dos casos, acaba funcionando como uma ponte de comunhão entre distintas regiões. O que um corpo dançante fala aqui é instintivamente compreendido pelo corpo dançante que fala lá, ainda que as referências para a comunicação de cada um não sejam as mesmas.

Esse diálogo universal ficará evidente na V Bienal Internacional de Dança do Ceará De Par em Par, que tem início amanhã (21) e segue até dia 30, com atividades na Capital e no interior do Estado.

O evento traz ao Ceará artistas do restante do Brasil, além de Canadá, Suíça e França. Eles vão apresentar o que há de mais atual sendo produzido em dança contemporânea hoje, mas não só. Para além do que será mostrado nos palcos, é o conteúdo a ser discutido nas atividades formativas, no seminário e até mesmo nos bastidores da programação que endossa o propósito da Bienal como um espaço de difusão,



No alto da página, espetáculo "Delirio", de Angelo Madureira; acima, espetáculo "Sodade", do cearense Leandro Netto. FOTOS: INES CORREA / DIVULGAÇÃO



Espectáculo "Hyperterrestres", de Fabrice Ramalingom: um dos focos desta edição da Bienal é fortalecer especialmente laços entre Brasil e França

conceitos e perspectivas em história, crítica e teoria em arte. O trabalho resultará em um e-book bilíngue (português e francês) e em parcerias institucionais entre as universidades. "Esse é um momento super importante para estabelecer essa comunicação, pois estarão todas essas universidades alme-

SAIBA MAIS
AMANHÃ (21), a programação artística da Bienal De Par Em Par é aberta simultaneamente em Fortaleza e Sobral, com Antonio Nóbrega e Sílvia Moura, respectivamente

temporânea e é dedicado a todos aqueles que nunca param de perguntar. Aliás, escrevi o livro para ver se param de me perguntar", brinca a autora. Questionada sobre identidades possíveis no que é produzido no Brasil, na França ou em outros países, ela é

propôs a escrever um livro-objeto, dividido em aforismos e que pede certa interação de quem lê. **Protagonistas** Visualmente, essas individualidades poderão ser percebidas na Bienal em apresentações de trabalhos de renomada

lé Popular do Recife. A produção cearense, por sua vez, se faz presente na Bienal com trabalhos de 28 artistas e companhias de dança e teatro, como Cia Dita (direção de Fauller), Sílvia Moura, Cia Balé Baião (direção de Gerson Moreno), Leandro Netto Cia de Dança, Teatro Máquina, João Paulo Lima, Arreios Companhia de Dança Contemporânea e os alunos do Curso Técnico em Dança do Porto Iracema das Artes.

O coreógrafo Leandro Netto, destaque da nova geração de criadores locais, com premiações nos três últimos Festivais de Dança de Joinville, estreará o espetáculo "Sodade", nos dias, 27, no Centro Cultural Bom Jardim, a partir das 19h, e 28, no Teatro Boca Rica, às 18h.

O trabalho se passa dentro de um universo de energias, com referências do Candomblé, e tem como trilha a música do rapper Emicida, que dá uma dramaturgia musical ao espetáculo, potencializando um argumento que transpassa ainda canto, teatro, e, evidentemente, dança. "Na música do Emicida, ele fala sobre a conexão entre Brasil e Cabo Verde, destacando aí regionalismos e melancolia, e é nisso que a gente vai pensar", observa Leandro.

apoio à criação, à formação e ao intercâmbio artístico.

Em 2016, são especialmente os laços entre Brasil e França o alvo de fortalecimento. Isso porque, após passar por 15 países da Europa, Ásia, Oceania e Estados Unidos, o FranceDançe finalmente aportou em agosto no Brasil pela primeira vez, para percorrer em três meses 15 cidades, de norte a sul.

Criado em 2007 pelo Institut Français com o intuito de levar a todos os continentes, em encontros anuais, um recorte do que tem sido criado na dança contemporânea francesa, ele entrecruza sua programação com a da Bienal.

Além disso, durante quatro dias (de 21 a 24/10), acontece também o Seminário Aller-Retour – Danse Brésil-France (Ida-e-volta: Dança Brasil-França), encontro inédito entre 13 pesquisadores de 11 universidades brasileiras e francesas para um trabalho de imersão, pesquisa, debate e difusão de

ando a construção de uma pós-graduação. Esperamos, inclusive, anunciar nossa pós aqui no Ceará na próxima Bienal”, adianta Davi Linhares, diretor geral do evento.

Conceitos

O que direciona a produção dos mais de 300 profissionais da área que se encontrarão por aqui nos próximos dias, e dos 90 espetáculos, todos gratuitos, previstos para acontecerem em palcos de Fortaleza, Sobral, Juazeiro do Norte, Paracuru, Itapipoca e Trairi, é um guarda-chuva comum: a dança contemporânea.

Essa teia, no entanto, é tão complexa, que dificilmente cabe em uma definição. Foi esse, aliás, o desafio da professora da Universidade Federal do Ceará, Thereza Rocha, ao escrever o livro “O que é a dança contemporânea?”, a ser lançado em Fortaleza no dia 30/10, às 17h, no Teatro Boca Rica, durante a Bienal.

ESTA EDIÇÃO é comemorativa em Sobral, que festeja 20 anos da presença da Bienal de Dança, com seis dias de programação (De 21 a 23 e de 28 a 30).

DUAS COMPANHIAS cearenses estão nos Percursos de Criação: a Paracuru Cia de Dança, em parceria com o coreógrafo pernambucano Jorge Garcia; e a Alysson Amancio Cia de Dança, de Juazeiro do Norte, que conta com o apoio do cearense Faulier, da Cia Dita.

OS TRAJETOS ENCENA repetem a parceria com o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), materializando-se por meio de ateliês e da montagem de trabalhos cênicos envolvendo jovens e adolescentes de bairros periféricos de Fortaleza.

“A pergunta que não quer calar é essa, todo mundo se faz. Então, esse livro foi tecido ao longo dos meus 20 anos de estudo da dança con-

enfática: “A identidade é a diferença. Não se pode falar de identidade, com características, traços específicos, porque a dança contemporânea não é uma modalidade, um gênero, como as outras. A cada criador corresponde um vocabulário, um jeito de mover, uma pesquisa corporal, questões singulares. Então, me parece que a uma dança que tem essas singularidades dentro dela não cabe estabelecer uma equação com denominadores comuns que a caracterize”, explica Thereza.

Daf que a pergunta “o que é?”, para a pesquisadora, é a mais ingênua, porém a mais inteligente, e deve levar em consideração que a resposta não vem rápido, pois demanda um movimento de generosidade e trânsito da pessoa que está perguntando. “A resposta pede um movimento de direção do que se pergunta, e não na recusa dele”, reflete. Por isso mesmo, Thereza se

dos coreógrafos franceses, como Christian Rizzo, em “Sakinnan Göze Çöp Batar”, e Fabrice Ramalingom, apresentando “Conférence Dansé” e “Hyperterrestre”. Ceará, Pernambuco, Bahia, Tocantins, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul serão os sete estados representados por brasileiros.

Entre as atrações nacionais, destaque para Lia Rodrigues Cia de Danças (RJ), que traz à Bienal o seu novo espetáculo, “Para que o céu não caia”, que estreou em maio deste ano em Dresden, na Alemanha, onde foi finalizado durante uma residência artística, e depois foi apresentado em Hamburgo, Potsdam, Berlim, Frankfurt e Düsseldorf.

Pernambuco traz nomes como Antonio Nóbrega (ver página 2), Jorge Garcia, Helder Vasconcelos e Ângelo Madureira, sendo este o representante da segunda geração dos criadores do reconhecido Ba-

Em diálogo com os conceitos pontuados por Thereza Rocha, Leandro Netto percebe que a individualidade é um fator preponderante nas produções em dança contemporânea.

“Apesar da potência nos argumentos, a gente só tem um nome que junta tudo, que dá um norte para todos habitarem. E habitamos dentro desse mundo ou não. A dança produzida no Ceará, no restante do Brasil ou na França, tem diferentes afetos. Não tem muito como comparar”, conclui o coreógrafo.

Leia mais na página 2

Mais informações:

Bienal Internacional de Dança do Ceará de Par em Par. De 21 a 30 de outubro, em Fortaleza, Sobral, Juazeiro do Norte, Paracuru, Itapipoca e Trairi. Contato: (85) 3268.3034. Programação completa em: bienaldedanca.com. Acesso gratuito.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Dança popular e contemporânea

Abertura da V Bienal De Par em Par terá aula-espetáculo do pernambucano Antonio Nóbrega

ROBERTA SOUZA
Repórter

A trajetória artística do pernambucano Antonio Nóbrega está intimamente ligada a sua iniciação com o violino, é verdade. Mas a incorporação da dança ao seu universo de criação também foi algo que começou cedo, ainda na década de 1970, quando tomou conhecimento dela informalmente, aprendendo passos e movimentos por meio dos artistas populares de sua cidade, o Recife.

Em Fortaleza para participar da abertura da V Bienal De Par em Par, ele apresentará logo mais à noite, no Cineteatro São Luiz, um pouco dessa imersão no universo da dança brasileira contemporânea a partir das matrizes corporais populares, com princípios técnicos, práticas e procedimentos formais provenientes das várias linguagens de dança ocidentais e orientais.

A aula-espetáculo "Com Passo Sincopado" toma a dança nacional como ponto de partida de estudo e reflexão, esboçando uma interpretação da cultura brasileira, e levando em conta sua ascendência ocidental ou europeia, e a popular, marginal e de substrato oral.

"É uma apresentação que vem com algumas falas, reflexões, vídeos, performances variadas, que vão de duos a trios. Procuro fazer uma junção, uma mistura do conceito com a festa, com a arte, digamos", explica Nóbrega.

No palco, Nóbrega estará acompanhado dos bailarinos Alison Lima e Maria Eugênia Almeida. Esse projeto, que já está em desenvolvimento há pelo menos três anos, ganhará, inclusive, um livro homônimo em breve. A ideia é sobretudo evidenciar as linhagens presentes na história cultural de nossa dança.

Linguagens

Ainda que carregue uma ligação intrínseca com o universo da canção, Nóbrega encontra na dança particularidades inquietantes. "A dança tem uma mensagem, uma ideia, que se passa de modo mais sutil, abstrato. Ela quase que se comunica sensorialmente com a gente, com as tensões do nosso corpo. Não que não tenhamos capacidade cognitiva de entender um bailado, mas ele tenta nos tocar principalmente pela emoção, num sentido não muito cerebral", identifica.

Questionado sobre uma identidade da dança nacional, ele aponta algumas dificuldades de estabelecer esse conceito. "A meu ver, no Brasil falta uma conversa entre o mundo popular e esse mundo hegemônico da dança ocidental. Ainda não despertamos para uma

O espetáculo "Com Passo Sincopado" marca a abertura da V Bienal Internacional de Dança do Ceará/ De Par Em Par

No palco, o artista pernambucano Antonio Nóbrega estará acompanhado de dois bailarinos: Alison Lima e Maria Eugênia Lima

busca de uma dança brasileira que comungue, que seja fruto do diálogo dessas duas linhagens culturais", observa.

E continua: "Procuro estabelecer uma poética: qual o ser dançante brasileiro? Não é só o dançante de coco, reisado, maracatu, nem somente o bailarino contemporâneo. O problema talvez, é o fato de a gente não comunicar as duas coisas. Talvez tenhamos responsabilidade nisso", diz, enquanto busca em seu trajeto artístico essa aproximação.

Matrizes

Quando se volta ao popular, Nóbrega destaca a exuberância física dessa manifestação. "Há um repertório de passos,

de movimentos, de procedimentos coreográficos. O corpo se exercita com saltos e quedas. Tudo isso oferece um léxico que eu acho muito rico, exuberante", afirma.

O temperamento dessa dança, para ele, também é diferente. "Na dança popular, temos a presença da síncope, recurso musical que se traduz na movimentação corporal e que é uma singularidade na dança brasileira. Conjugando a questão da síncope e do léxico, temos elementos suficientes para compor um bom material de conversa com os outros elementos da dança ocidental contemporânea", defende.

Mas, na visão de Nóbrega, se a Europa já configurou uma linguagem de dança ao longo dos séculos – que perpassa a base clássica com o ballet e cresce com o contemporâneo em saudável diálogo –, o Brasil ainda está engatinhando nesse sentido.

"Os europeus não rompem com a dança clássica como a gente rompe com a popular. Eles estão sempre revisitando o passado deles. Aqui ainda buscamos outras matrizes referenciais para fazer conversar com a tradição ocidental. São posturas distintas", instiga.

Mais informações:

Aula-espetáculo "Com Passo Sincopado", de Antonio Nóbrega. Amanhã (21), às 21h, no Cineteatro São Luiz (Rua Major Facundo, 500, Centro). Gratuito.



Nóbrega
apresenta a
aula-espetáculo "Com
Passo Sincopado" FOTO:
SILVIA MACHADO/DIVULG.

DANÇA. BIENAL INTERNACIONAL

No passo nordestino

Em sua 5ª edição, Bienal De Par em Par oferece programação com ações formativas e apresentações gratuitas. Abertura será com Antônio Nóbrega

João Gabriel Tréz
 ESPECIAL PARA O POVO
 joangtréz@opovo.com.br

Ampla e gratuita, a programação da V Bienal Internacional de Dança/De Par em Par, evento concebido em 2008 como desdobramento das bienais dos anos ímpares, traz atividades formativas, intercâmbios, diálogo entre linguagens e uma série de espetáculos a partir de hoje, 21. A abertura da programação artística ocorre às 21 horas, no Cineteatro São Luiz, com aula-espetáculo do artista pernambucano Antônio Nóbrega.

O músico e dançarino apresenta *Com Passo Sincopado*, espetáculo no qual reflete acerca da relação entre a cultura popular e a chamada "erudita". "Por encontrar riqueza simbólica no material da cultura popular brasileira, consegui desenvolver processos de criação bastante referenciados nesse universo. Procurei propor um diálogo entre ele e a cultura que chamam de erudita", explica, em entrevista aos **O POVO**. Para ele, a presença de ambas no País é complementar: "O Brasil é um país híbrido, no sentido de que acolher esses dois mundos culturais. O que eu tento fazer é oscilar entre esses dois irmãos, que às vezes brigam muito. Mais do que discordâncias, há complementaridade de entre eles", reflete.

A presença de Antônio Nóbrega na abertura confirma o peso da produção nordestina nessa edição. Para ele, a "exuberância cultural"



Atração na primeira noite de Bienal, o pernambucano Antônio Nóbrega traz espetáculo que reflete sobre cultura popular e erudita

da região justifica a presença. "O Brasil começa pela Bahia, Pernambuco. Não podemos esquecer, por exemplo, que Pernambuco era uma capitania grande, não só motor econômico como cultural, o que fez a máquina da cultura se desenvolver mais precocemente aqui", defende. Além

de Nóbrega, se apresentam na Bienal os pernambucanos Jorge Garcia, Ângelo Madureira e Helder Vasconcelos, o baiano Leonardo França e uma série de companhias e artistas cearenses.

Ernesto Gadelha, diretor artístico e pedagógico da Bienal, também vê como des-

taque a presença de artistas daquele estado. "A gente tem quase uma pequena plataforma pernambucana, com artistas que dialogam com a cultura popular fazendo trabalhos bem atuais", pontua. A presença de espetáculos de estados não tradicionalmente escolhidos também foi uma preocupação da curadoria. "Tentamos incluir na programação produções de outros contextos, como de Tocantins, Rio Grande do Sul, que não temos sempre a oportunidade de ver aqui".

Para além de critérios de localização ou ineditismo, a curadoria procurou fazer escolha que se relacionassem com as intenções do evento. "Fizemos opções, dialogando com a proposta da De Par em Par, que procuram apresentar a dança com outras linguagens, as formas mais híbridas de criações cênicas. De um lado a gente fomenta a produção, mas também o intercâmbio, a criação de trabalhos originais, a difusão das obras", finaliza.

Serviço

Aula-espetáculo Com Passo Sincopado, de Antônio Nóbrega

Quando: Hoje, 21, a partir das 21 horas

Onde: Cineteatro São Luiz (Rua Major Façundo, 500 - Centro)

Entrada gratuita

Programação completa da Bienal no site:

<http://www.bienaldedanca.com/2016/main/>

FORMAÇÃO E INTERCÂMBIO

Jovens criadores e trabalhos autorais ganham espaço

DIVULGAÇÃO



Espetáculo *Dispositivo Móvel*, da Experimentus Cia. de Dança

Para David Linhares, diretor geral da Bienal, o evento promove também conquistas na área para o Estado e para a classe artística. "Já trouxemos fórum de dança, colégio, batalhamos pelo curso técnico. O novo passo é a cooperação entre universidades brasileiras e francesas", enumera. Nesta edição, a Bienal recebe o FranceDanse, evento anual que discute a produção contemporânea francesa. Dentro do FranceDanse, haverá o Seminário Aller-Retour-Danse Brésil-France (Ida-e-volta: Dança Brasil-França), que promoverá o intercâmbio entre pesquisadores de 11 universidades nacionais e francesas.

A Bienal ultrapassa fronteiras mas também volta-se à produção local, com 28 artistas e companhias do Ceará. O destaque de hoje é a bailarina Sílvia Moura, que abre a programação artística em Sobral, no Teatro São João, com

o espetáculo *Instalafomance III - Tangendo Sonhos*. Um dos principais traços da seleção local, para Ernesto Gadelha, é a presença de jovens criadores que apresentam pela primeira vez trabalhos autorais, como Bruno Gomes, Henrique Castro e Thomas Saunders.

Entre as companhias, estão, por exemplo, a Paracuru Cia. de Dança, a Inquieta Cia. de Teatros e a Cia. Dita. O espetáculo *Dispositivo Móvel*, da Experimentus Cia. de Dança, que será apresentado no último dia da Bienal, 30, é um exemplo de trabalho autoral, que ainda traz verve política. Para Paulo Lima, dançarino do grupo, a montagem "põe em xeque o lugar do artista". "O trabalho reverbera muito no momento político que vivemos. É uma crítica geral. Ainda há artistas com discurso de 'aura', 'conhecimento'. Não tem mais isso, a arte virou mercadoria", provoca.

CLIPPING

Veículo: O ESTADO

/ CE

Editoria: LINHA AZUL

Local: LUIZ CARLOS MARTINS – DE A a Z

Pág: 06

cm/col: 3,0

data: 21/ 10/ 2016



linhaAZUL

O ESTADO

Luiz Carlos Martins *De A a Z*



Giro Social

5 Antônio Nóbrega comanda hoje (21h), no Cineteatro São Luiz, a aula-espectáculo “Com Passo Sincopado”, durante a V Bienal Internacional de Dança do Ceará.

DANÇA

Corpos em movimento

Bienal Internacional de Dança do Ceará segue com uma programação que corta diferentes pontos do Estado

ANTONIO LAUDENIR
Especial para o Caderno 3

A V Bienal Internacional de Dança do Ceará De Par em Par chega hoje ao quarto dia de atividade e o ritmo da programação permanece intenso. Com a proposta de se lançar como espaço de difusão, apoio à criação, à formação e ao intercâmbio artístico, o evento reúne mais de 300 profissionais em torno de 90 espetáculos espalhados por palcos de Fortaleza, Sobral, Juazeiro do Norte, Paracuru, Itapipoca e Trairi.

A lista de participantes – que inclui artistas do restante do País, além de Canadá, Suíça e França – representa um recorte atual do cenário da dança contemporânea.

Além de atuar diretamente na prospeção de espetáculos, a Bienal também é constituída de atividades formativas como seminários, residências, oficinas e conferências.

Nesta segunda-feira, 17h, no espaço Cena 15, o destaque fica por conta do cearense Bruno Gomes e sua obra "Um Corpo Jogado ao Mar".

Com quase uma década dedicada aos estudos da dança, Gomes construiu este projeto com a participação de reconhecidos realizadores locais, como Andrea Bardadwil (orientação inicial) Walter façanha (luz), Ruth Aragão e Isac Bento (figurino), Consiglia Latorre (orientação sonora musical) e Gui Stuz e Uirá dos Reis (música).

Exatamente às 18h e 18h15, duas apresentações ocupam o Teatro da Boca Rica. "Crash! Crash! POW! (Das possibilidades do "não pode")" retine elementos de várias linguagens artísticas em torno do processo de

SAIBA MAIS

UM CORPO JOGADO AO MAR

Bruno Gomes
17h - Cena 15 (R. José Avelino, 495 Praia de Iracema)

CRASH! CRASH! POW! (DAS POSSIBILIDADES DO "NÃO PODE")

Ariel Volkova
18h - Teatro da Boca Rica (R. Dragão do Mar, 26 Praia de Iracema)

CORPO INTRUSO

João Paulo Lima
18h15 - Teatro da Boca Rica (R. Dragão do Mar, 26, Praia de Iracema)

ECRAN SOMNAMBULE

Latifa Laâbissi
19h - SESC Iracema (R. Bóris, 90, Centro)

MANGA COM LEITE

Alysson Amancio Cia de Dança
21h - Teatro CDMAC (R. Dragão do Mar, 81 Praia de Iracema)

composição cênica e investiga o corpo na perspectiva de território político. O maranhense Ariel Volkova aborda questões sobre gênero, estabelecimento das relações e mune sua apresentação com o recurso da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Construção

Em seguida, o artista-pesquisador João Paulo Lima questiona as interferências entre real e o corpo através da obra "Corpo Intruso". Além de dirigir, Lima se apresenta ao lado de Jhon Moraes.

Em cena, dois dançarinos em contínua aproximação e distanciamento. "No absurdo do real o corpo é intruso de si mesmo. O corpo não é só uma pessoa", defende o realizador.

Concebida e interpretada por Latifa Laâbissi, "Écran Somnambule" evoca as influências estéticas do expressionismo alemão e projeta um corpo imóvel, mas que em certos momentos se estende, con-

traí e estica. Em cartaz às 19h, no Sesc Iracema, a criação da coreógrafa francesa dilui a força visual do filme "Mary Wigman Tanz" (1930) e pontua um trecho de "A Dança da Feiticeira" (Hexentanz, 1926).

Laâbissi discute a questão do corpo como zona de múltiplas influências, embaralhada entre os gêneros e as posturas sociais. Com um viés antropológico frequente, a artista diseca noções de identidades coloniais e colonizadas e lança luz sobre movimentos e práticas gestuais.

No Teatro do Centro Cultural Dragão do Mar (CDMAC), 21h, o momento é de encontro com o espetáculo "Manga com Leite". Referência direta à máxima popular que afirmava que ingerir esta combinação seria fatal, o trabalho da Alysson Amancio Cia. de Dança discute o imaginário social.

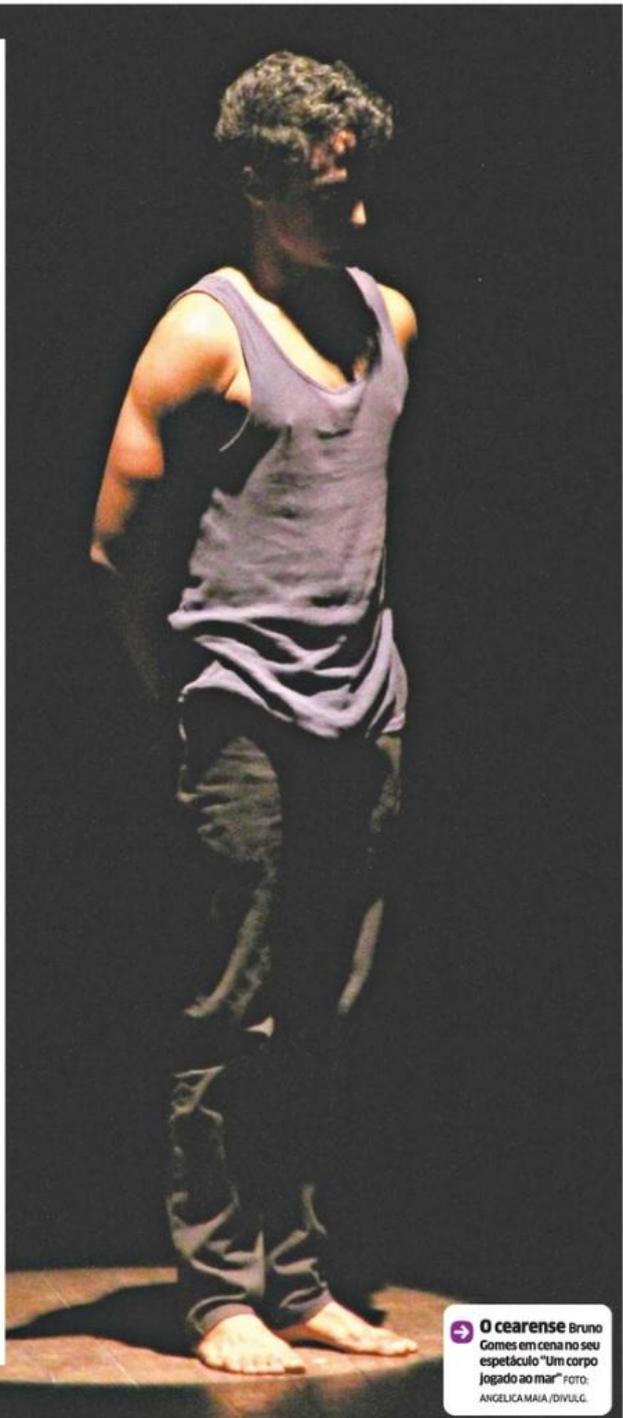
Tendo como premissa essa herança cultural deixada pela violência do sistema escravista, a companhia desbrava quintais brasileiros impregnados de espúrio tropical e sincretismo religioso.

Estrada

A Bienal em Par segue até 30 de outubro, e na próxima quinta-feira (27) a programação pega a estrada e visita também Sobral (Teatro São João), Juazeiro do Norte (Centro Cultural Banco do Nordeste - CCB-NB), Paracuru (Praça da Matriz), Itapipoca (Estação Ponto de Cultura Galpão da Cena e Praça do Hotel) e Trairi (CP-TA). Assim como na Capital, toda a programação é aberta ao público.

Mais informações:

Bienal Internacional de Dança do Ceará de Par em Par. De 21 a 30 de outubro, em Fortaleza, Sobral, Juazeiro do Norte, Paracuru, Itapipoca e Trairi. Contato: (85) 3268.3034. Programação completa em: bienaldedanca.com Acesso gratuito.



O cearense Bruno Gomes em cena no seu espetáculo "Um corpo jogado ao mar" FOTO: ANGELICAMAIA/ DIVULG.

6

VIDA & arte

AGENDA

**E TEM
MAIS!**

 VOCÊ PODE CONFERIR MAIS OPÇÕES
 DA AGENDA NO NOSSO PORTAL
www.opovo.com.br


PROGRAME-SE

POR JOÃO GABRIEL TRÉZ
 ESPECIAL PARA O POVO
joaogabriel@opovo.com.br

O VIDA&ARTE PUBLICA GRATUITAMENTE EVENTOS LIGADOS A ARTE, LAZER, CULTURA E EDUCAÇÃO. A divulgação deve ser feita com antecedência, de segunda a sexta-feira. Email: agendaopovo@gmail.com (confirmar o recebimento por telefone). AS INFORMAÇÕES PUBLICADAS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS DIVULGADORES DOS EVENTOS

DESTAQUE

DIVULGAÇÃO



DANÇA. BIENAL

Cearenses se apresentam

A Bienal de Dança/De Par Em Par segue com programação. Os espetáculos de hoje começam às 17 horas, no Cena 15 (rua José Avelino, 495), com *Um corpo jogado ao mar* (foto), criado e interpretado pelo bailarino cearense Bruno Gomes. O Teatro da Boca Rica (R. Dragão do Mar, 260) recebe, a partir das 18 horas, *Crash! Crash! POW!*, de Ariel Volkova, e *Corpo Intruso*, de João Paulo Lima, também cearenses. A Bienal de Dança segue até o dia 30 de outubro. A programação é gratuita.



BIENAL DE DANÇA

Mais destaques da programação

A programação artística da Bienal segue com *Écran SoMnambule* (foto), da francesa Latifa Laâbissi, no SESC Itacema (R. Boris, 90), às 19 horas. Às 21 horas, estreia o espetáculo *Manga com Leite*, criado no projeto Percursos de Criação pelo cearense Fauller em parceria com a Alysson Amancio Cia de Dança, no Teatro Dragão do Mar (rua Dragão do Mar, 81). Para conferir a programação completa da Bienal, acesse www.bienaldedanca.com.

CLIPPING

Veículo: DIÁRIO DO NORDESTE

/ CE

Editoria: CADERNO 3

Local: ROTEIRO

Pág: 08 cm/col: 6,0

data: 25/ 10/ 2016



8 | **Caderno3**

Roteiro

SEMANA CULTURAL

■ ESPECIAL

BIENAL DE DANÇA

Às 19h, no Centro Cultural Bom Jardim (Rua 3 Corações, 400, Bom Jardim). Grátis. (3497.5981)

Andrea Bardawil apresenta "A Coragem se faz é no Corpo". A parte técnica das obras criadas é resultante das residências ministradas por Yuri Yamamoto (cenotécnica), Gil Braga (figurino), Walter Façanha (iluminação cênica).

Veículo: O POVO

/ CE

Editoria: VIDA & ARTE

Local: AGENDA

Pág: 06

cm/col: 12,0

data: 25/ 10/ 2016

AGENDA

**E TEM
MAIS!**

VOCÊ PODE CONFERIR MAIS OPÇÕES
DA AGENDA NO NOSSO PORTAL
www.opovo.com.br



PROGRAMME-SE

POR JOÃO GABRIEL TRÉZ
ESPECIAL PARA O POVO
joaogabriel@opovo.com.br

DESTAQUE



BIENAL DE DANÇA CE, TO e PE na programação

A Bienal segue hoje, 25, às 17 horas, com *Manchaaa* (CE), de Felipe Araújo, Henrique Castro e Thomas Saunders, no Cena 15 (R. José Avelino - 495). Às 18 horas, o Teatro da Boca Rica (R. Dragão do Mar - 260) recebe Clarissa Costa e Jhon Moraes em *Felizes para Sempre* (CE). Às 19 horas, no Sesc Iracema (R. Boris - 90c), será apresentado *Adorno da Realidade* (TO), da Companhia Lamira, e, às 21 horas, *Eu Sou* (PE), de Helder Vasconcelos (foto), no Teatro Dragão do Mar (R. Dragão do Mar - 81).

CLIPPING

Veículo: DIÁRIO DO NORDESTE

/ CE

Editoria: ZOEIRA

Local: ROTEIRO

Pág: 07

cm/col: 25,5

data: 27/ 10/ 2016



Roteiro

AGENDA

BIENAL DA DANÇA EM SOBRAL
Às 21h, no Teatro da Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes (Travessa Adriano Dias de Carvalho, 135, Centro). Grátis. (88 3111.1661)

A Bienal de Dança, evento parceiro do "Sobral Cidade das Artes", apresenta no Teatro do Ecoa o espetáculo "Praia das Almas", da Paracuru Cia de Dança. Antes, às 19h, clássicos do choro e do samba invadem a Praça São João, tradicional reduto da cidade, com o grupo Chorando Baixinho, formado por Herbert Nobre na flauta, Valdenir Filho no violão de sete cordas, Kelvin Mota no cavaco e Fernando Madeira no pandeiro.



BIENAL

Caminhos da acessibilidade

Bienal de Dança De Par em Par apresenta espetáculos acessíveis, oficinas e seminário dedicado ao tema

ROBERTA SOUZA
Repórter

Pessoas com deficiência: elas existem. Representam 6,2% da população brasileira, de acordo com o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em agosto de 2015. Ainda assim, boa parte dos espaços, das políticas públicas e das atividades sociais dificultam sua participação efetiva e integrada à comunidade. A garantia de seus direitos, previstos em lei, ainda engatinha. Porém, mesmo que pontuais, as pequenas ações importam. E é isso que a Plataforma de Acessibilidade da Bienal de Dança De Par em Par, lançada este ano, propõe.

Difusão e formação são os dois principais eixos da plataforma, cuja proposta contempla a apresentação de espetáculos em formato acessível com libras e audiodescrição, a realização de duas oficinas inclusivas e a primeira edição do Seminário



bilidade nem para o público nem para o artista e essas são questões que temos que colocar nesse momento para pensar seriamente. Quero que isso vá mais longe: como ter um palco acessível? Camarins acessíveis? É preciso permitir que todas as pessoas possam aproveitar da cultura, trabalhar com cultura, com dança, com corpo", atenta.

Debates

João Paulo Lima, que é cearense e trabalha academicamente com o conceito de dança integrada em oposição ao de dança inclusiva (este, que apela para uma perspectiva assistencialista, segundo ele). Além de ministrar uma oficina na plataforma, ele também vai participar do Seminário Dança e Acessibilidade, que acontece amanhã (29) e depois (30).

Ao seu lado, na mesa que discutirá o tema "Dança Integrada - diferenças e criação na dança contemporânea" neste sábado, estarão Marcos Abranches (SP), Clarissa Costa (CE), Jhon Moraes (CE) e Ariel Volkova (CE), com mediação de Fausto Augusto Cândido. Para João Paulo, existe um ponto fundamental a ser levado em consideração no trabalho da temática, especialmente de forma prática, no caso das oficinas.

"Quando eu dou aula para uma pessoa que só consegue movimentar os pés para dizer sim ou não, a intenção não é emocionar. Essa é uma característica de alguém que existe. Existem outras pessoas com sequelas diferentes. Essa forma de dizer sim ou não é a forma

Difusão e formação são os dois principais eixos da Plataforma de Acessibilidade da Bienal de Dança De Par em Par, lançada este ano

dela de estar no mundo", afirma. "Em alguns casos, as pessoas acabam inferiorizando as outras com a ideia chata da inclusão, que não é exatamente de agregar mais pessoas, mas de excluir", critica.

Complementam a discussão da primeira mesa do Seminário os debatedores da segunda, que tem como tema "Audiodescrição para a dança e os desafios da acessibilidade cultural". Vera Lúcia Santiago (CE), Paulo Victor Bezerra de Lima (CE), Klístenes Braga (CE) e Ana Beatriz Praxedes (CE) falarão com mediação de Fausto Augusto Cândido.

O consultor em acessibilidade cultural Klístenes Braga aposta nessa ação da Bienal como impulsionadora de outras na cidade. "Acredito muito no exemplo deste evento, em que os produtores culturais são sensíveis ao tema e acabam sendo motivadores para outros produtores culturais", defende.

Espectáculos

Hoje (28) e domingo (30), o público poderá conferir ainda dois espetáculos dentro da pla-



Marcos Abranches, no espetáculo "Corpo sobre Tela"; e João Paulo Lima, um dos interlocutores da Bienal de Dança em debates sobre a acessibilidade

Dança e Acessibilidade. Desde o ano passado que a organização da Bienal vêm discutindo essas questões em parceria com o bailarino João Paulo Lima e com Fausto Augusto Cândido. Em 2016, um projeto maior foi abraçado, o que para o diretor geral do evento, Davi Linhares, é um passo importante.

“Na quarta, presenciei uma oficina ministrada pelo João Paulo para cadeirantes e fiquei super-emocionado na presença de uma menina que tem paralisia, que não mexe nada, mas que existe ali o desejo de se mover, nem que seja só com os olhinhos. Isso, de uma forma mais efetiva, nos incentiva a levantar essa bandeira na Bienal”, declara Davi.

O diretor observa, no entanto, que ações como essa só são possibilitadas diante de espaços também acessíveis. E tece críticas as estruturas disponíveis na cidade. “Aqui não existe acessi-

PROGRAMAÇÃO

SEXTA, 28 DE OUTUBRO

17h - A Mão do Meio (Sinfonia Lúdica), da Companhia de Danças de Diadema (SP), no Cine-teatro São Luiz. *Espetáculo com serviço de audiodescrição

SÁBADO, 29 DE OUTUBRO

15h às 17h - Seminário Dança e Acessibilidade, no Auditório CDMAC
 Roda de conversa: Dança Integrada - diferenças e criação na dança contemporânea

DOMINGO, 30 DE OUTUBRO

15h às 17h - Seminário Dança e Acessibilidade, no Auditório CDMAC
 Roda de conversa: Audiodescrição para a dança e os desafios da acessibilidade cultural
 19h - Corpo Sobre Tela, de Marcos Abranches (SP), no SESC Itacema
 *Toda a programação é gratuita.

dois espetáculos dentro da plataforma de acessibilidade. Um deles é “A Mão do Meio” (Sinfonia Lúdica), da Companhia de Danças de Diadema (SP), que será apresentado no Cine-teatro São Luiz, às 17h, com serviço de audiodescrição.

O artista Marcos Abranches – que tem coreoatose, um estado patológico decorrente de uma lesão cerebral, que se manifesta a partir de movimentos involuntários, intermitentes e irregulares – apresenta seu espetáculo “Corpo sobre tela” no Sesc Itacema, às 19h do domingo.

Abranches utiliza da própria deficiência como referência de estudo para a construção de sua linguagem artística corporal, sendo o único coreógrafo brasileiro com paralisia cerebral a propor um estudo sobre dança contemporânea. Teoria e prática, portanto, caminham juntas rumo à acessibilidade.

CLIPPING



Veículo: O POVO

/ CE

Editoria: PRIMEIRA PÁGINA

Local:

Pág: 01

cm/col: 17,5

data: 28/ 10/ 2016

O POVO

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - SEXTA-FEIRA - 28 DE OUTUBRO DE 2016 - ANO LXXXIX, Nº 29.718 - 88 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

VIDA & arte
guia



*Ouriço, de
Leonardo
França*

DANÇA
Bienal de Par
em Par tem
programação
até domingo

PÁGINA 3

Veículo: O POVO

/ CE

Editoria: VIDA & ARTE

Local:

Pág: 03

cm/col: 34,5

data: 28/ 10/ 2016

FORTALEZA - CE, SEXTA-FEIRA - 28 DE OUTUBRO DE 2016

O POVO

VIDA & arte **guia**

② BIENAL DE DANÇA.



Até o dia 30 de outubro, a quinta edição da Bienal Internacional de Dança do Ceará de Par em Par segue com uma programação gratuita em diversos espaços da Cidade. E evento junta formação e apresentação de espetáculos locais, nacionais e internacionais. No Sesc Iracema, por exemplo, Silvia Moura apresenta sua *Instalaformance III - Tangendo Sonhos*, enquanto o baiano Leonardo França apresenta *Ouriço* (foto).

Bienal de Par em Par.

Quando: até domingo, 30.

Programação:

bienaldedanca.com **Gratuito**

LANÇAMENTO

O que é mesmo a dança contemporânea?

Livro da pesquisadora Thereza Rocha lança questão que, se for capaz de se responder, é com outras perguntas

ROBERTA SOUZA
Repórter

Sim. Uma matéria pode começar com uma vírgula. Ela pode também não ter um lead, e ficar sem responder as perguntas básicas – Quem? Quando? O quê? Como? Onde? – logo no primeiro parágrafo. É que para falar do livro-brinquedo, de aprendizagem e prazeres de Thereza Rocha, nada mais justo com o leitor do que provocá-lo desde a primeira apresentação, caso seja o contato inicial dele este aqui, na segunda página do caderno de cultura de um jornal local.

Depois de vinte anos ouvindo insistentemente a mesma pergunta – o que é a dança contemporânea? –, foi mais ou menos assim, desafiando, que a pesquisadora em dança, diretora de espetáculos e dramaturgista de processos de criação resolveu se posicionar diante dos jovens de pensamento. “A todos os inquietos, os revoltosos, os esquisitos, a todos aqueles que permanecem gostando de perguntar”, dedica ela na desintrodução do livro sem sumário e sem capítulos.

Isso mesmo, aforismos no lugar de capítulos. Textos de diferentes tamanhos versando sobre temas caros à criação e reflexão em dança na contemporaneidade; conceitos profundos sabiamente destrinchados em frases curtas, jogos de palavras, filosofias crianças ou de estudantes em sala de aula – tudo em uma proposta informal extremamente didática e interativamente estimulante.

Em posse do livro-objeto de Thereza, não usá-lo é, no mínimo, desconcertante. Mais do que um guia para leigos, ele é uma verdadeira porta de entrada – e sem saída, arriscaria dizer – para um universo muito mais amplo do que aquelas 133 páginas podem compreender.

Identidade x diferenças

Nem mesmo as duas décadas de “falas, textos, aulas, muitas aulas, palestras, entrevistas, anotações aqui ali, papezinhos, guardanapos, cadernos de acompanhamento de processos de criação, guiados por um pensamento nômade” dão conta; nem é essa a intenção da pesquisadora, pelo contrário. Não se fala de fim, o foco é o processo.



A tendência natural, obviamente, é procurar conceitos num livro que tem como título a pergunta. E no texto de Thereza até encontramos alguns “porquês”: “A dança é contemporânea também porque encena todos os problemas que envolvem o contato obra/espectador; porque encena a política intrínseca à espetacularidade. Abre mão da espetacularidade (das facilidades e da crueldade que lhe são

intrínsecas) em favor da disponibilização ao espectador dos meios que a produzem; em favor de uma troca em que as partes tenham acesso ao que está pressuposto na relação”, explica na obra.

Encontramos ainda algumas medidas de prudência, tais como entender que a dança contemporânea não é uma modalidade de dança; que ela, quando se põe como pergunta, não o faz

como qualquer figura de autoridade porque pergunta do lugar de quem não sabe; e, ainda, que ela é uma pergunta que o próprio corpo faz.

Atentamos também para o fato de que “contemporâneo” não é sinônimo de atual, etc etc.

Mas qualquer tentativa de reunir características em um guarda-chuva e chamá-lo de dança contemporânea é esmagada com uma observação enfática da pesquisadora: “não estamos nos dedicando a achar a raiz da dança contemporânea e, a partir dela, construir sua árvore genealógica. Antes e, sobretudo,

dedicamo-nos a encontrar os pontos de contato das várias malhas que se desenvolvem simultaneamente e em várias direções, conformando os dados e os fatos; constituindo as identidades de criação em dança a partir de sua marca inaugural – a diferença”, afirma.

Cabe a essa ideia de diferença pensar as singularidades (e não individualidades, narcisismos) de cada intérprete como elementos fundantes. “Particular, íntima, mas não identitária: a matéria humana a ser buscada nascerá da experiência do bailarino (e da bailarina, sempre) de um de-

vir-outro de si, daquilo que ele/ela não se sabe capaz, daquilo que ele/ela não sabe de si”, defende. E coloca em jogo mesmo a função de coreógrafo, se esta segue se pautando na combinação de passos em prol de uma espetacularidade.

Projeto gráfico

Pensar a dança como Thereza propõe no livro-objeto fica mais fácil quando se interage com o projeto gráfico assinado pela Tanto – criações compartilhadas, com ilustrações de Clara Domingas. Na publicação, três cores (azul, magenta e roxo) jogam entre si para criar várias situações gráficas, tanto nas imagens quanto nos textos, cujo desenvolvimento pede a utilização de uma lupa de acrílico vermelho, destacável dentro do livro para esse fim.

O objetivo, segundo eles, é tornar operativo o próprio conceito (de dança contemporânea) do qual se aproxima, e cumprir o urgente desafio de convidar o leitor a admitir que pensar e dançar não são autoexcludentes e, sem baratear o conteúdo, que o pensamento pode ser um brinquedo ao mesmo tempo rigoroso e divertido. QRs Codes dispostos ao longo da obra também ajudam nisso, abrindo para outros textos, todos também de autoria de Rocha, disponíveis em uma plataforma digital.

Lançamento

Contemplada com o edital Rumos Itaú Cultural e com o Prêmio Funarte de Dança Klaus Vianna, a edição conta com lançamentos em 10 cidades brasileiras ao longo do segundo semestre de 2016. Começou em agosto, por Salvador (BA), sede de todos os envolvidos na criação do livro, à exceção da autora, Thereza Rocha, carioca residente no Ceará.

Até agora já passou por Campo Grande (MS), Curitiba (PR), Belém (PA), Cuiabá (MT), Goiânia (GO), Rio de Janeiro (RJ) e Teresina (PI), e chega à Fortaleza (CE), neste domingo (30), dentro da programação da V Bienal Internacional de Dança do Ceará.

Amanhã, às 17 horas, no Teatro Boca Rica, Thereza participa como convidada da “Conversa Dançada”, proposta do artista baiano Leonardo França, marcando oficialmente o lançamento desse livro na capital em que ela leciona, no curso de graduação em Dança da Universidade Federal do Ceará.

Se ainda restar alguma pergunta sobre o tema, que seja a apocalíptica e ingênua “onde vamos parar?”, para que com sua vasta experiência, Thereza responda com tranquilidade: “nós não vamos parar”.

Mais informações:

Lançamento do livro “O que é a dança contemporânea?”, de Thereza Rocha. Amanhã (30), às 17h, no Teatro Boca Rica (R. Dragão do Mar, 260, Centro). Contato: www.facebook.com/qqedc

VIDA & arte

BIENAL DE DANÇA. SEMINÁRIO

O corpo encontra seus espaços

Confrontando o entendimento do corpo, Seminário Dança e Acessibilidade acontece no Dragão do Mar

CAROL MONTEIRO/DIVULGAÇÃO



Imagem da oficina *Dança Integrada*, ministrada pelo pesquisador João Paulo Lima durante a bienal

Isabel Costa
isabelcosta@opovo.com.br

Muitas vezes,
há espetáculos

SERVIÇO

Cada corpo tem um lugar que é só seu no mundo. Com características físicas adquiridas ou congênitas, todas as pessoas são detentoras de extensões, potencialidades e capacidade de criatividade. Na linguagem dança, o corpo é ferramenta básica. É através dele que se potencializam os conceitos e as singularidades de cada artista. Pensando nesses conceitos, a Bienal Internacional de Dança do Ceará de Par em Par 2016 propõe uma programação de debates sobre os novos caminhos da acessibilidade cultural. As rodas de conversa, iniciadas hoje, 29, são a culminância de programação artística realizada ao longo da última semana. Oficinas e espetáculos aconteceram gratuitamente.

Hoje, às 15 horas, o evento promove a roda de conversa “Dança Integrada - Diferenças e Criação na Dança Contemporânea”. João Paulo Lima, pesquisador em dança e diretor do espetáculo *Corpo Intruso*, apresentado na bienal, explica que ainda é necessário avançar muito quando se fala do tratamento dado a pessoas com necessidades especiais. “A própria nomenclatura é ponto de questionamento: deficientes? Pessoas com deficiência? Pessoas com necessidades especiais? Cada pessoa tem uma biografia e uma forma de estar no mundo. A denominação pode ser excludente também”, afirma.

“Os espaços devem ser acessíveis a todos - com ou sem cadeira de rodas, com ou sem muletas, enxergando ou não, ouvindo ou não”. João questiona a forma como as políticas públicas alocam os termos “inclusivo” e “integração”. Pois, muitas vezes, há espetáculos com mecanismos adequados para aten-

com mecanismos adequados para atender todas as pessoas, mas isso se limita a sala de apresentações. Precisa ter calçada, rampa, elevador...

horas. Entre os debatedores estará o pesquisador Klístenes Braga. “A integração de recursos garante que todos os públicos possam acessar de forma autônoma. Autonomia, essa é a palavra para que as pessoas possam acessar”, explica. Vera Lúcia Santiago, Paulo Victor Bezerra, Ana Beatriz Praxedes e Fausto Augusto Cândido participam do bate-papo.

Audiodescrição

A audiodescrição é um recurso voltado para os cegos ou pessoas com baixa visão. Informações imagéticas dos espetáculos de dança são transformadas em linguagem verbal e transmitida através de um sistema de rádio. “Quando o público chega recebe um aparelho. Vamos descrevendo o figurino, a cenografia, a iluminação, os bailarinos, os movimentos”, explica Klístenes.

Para produzir os áudios, entretanto, é necessário um rigoroso processo de estudo.

Seminário Dança e Acessibilidade

Quando: hoje, 29, e amanhã, 30, das 15h às 17 horas

Onde: Auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

O quê: rodas de conversa com os temas “Dança Integrada - diferenças e criação na dança contemporânea” e “Audiodescrição para a dança e os desafios da acessibilidade cultural”

Gratuito

Outras informações: www.bienaldedanca.com

SAIBA MAIS

O seminário faz

parte da Plataforma de Acessibilidade, lançada pela Bienal de Dança do Ceará De Par Em Par 2016. Também foram executados espetáculos com libras e audiodescrição e realizadas oficinas temáticas.

Criada em 2008,

a bienal chega a quinta edição. O evento trabalha com formação e difusão da linguagem dança. Atividades diversas e espetáculos acontecem até amanhã, 30.

Hoje, 29, serão

apresentadas as montagens *Alices* (Grupo N), *Gaudério* (Cia Matheus Brusa), *Ouriço* (Leonardo França), *Embaraçada - Instalação* (Gabriela Jardim e Tatiana Valente) e *Accidens* (Samuel Lefeuve e Raphaëlle Latini/Groupe Entorse). Os espetáculos acontecem em

der todas as pessoas, mas isso se limita a sala de apresentações. “Precisa ter divulgação adequada, calçada, rampa, elevador”, pontua. A roda de conversa deste sábado, 29, também terá participação de Marcos Abranches, Clarissa Costa, Jhon Morais e Ariel Volkova. A mediação é de Fausto Augusto Cândido.

Amanhã, 30, o seminário terá a roda de conversa “Audiodescrição para a dança e os desafios da acessibilidade cultural”, também às 15

Antes do espetáculo, vídeos com imagens são analisados e um pré-roteiro é construído. O intérprete também precisa se apropriar de termos técnicos que, no decorrer das montagens, são acessados. “O que fazemos é transferir de imagens para palavras. Se não houvesse esse recurso, essa pessoa ficaria privada de entender o andamento do espetáculo”, aponta Klístenes Braga.

LEIA MAIS NA PÁGINA 7

vários espaços de Fortaleza.

Amanhã, além do seminário, será lançado o livro *O que é dança contemporânea?* e apresentações dos espetáculos *Dispositivo Móvel* (Experimentus Companhia de Dança), *Corpo Sobre Tela* (Marcos Abranches), *Zoom* (Luiz Otávio Queiroz) e *Delírio* (Ângelo Madureira e Ana Catarina Vieira).

AGENDA

**E TEM
MAIS!**

 VOCÊ PODE CONFERIR MAIS OPÇÕES
 DA AGENDA NO NOSSO PORTAL
www.opovo.com.br


PROGRAMME-SE

POR JOÃO GABRIEL TRÉZ
 ESPECIAL PARA O POVO
joaogabriel@opovo.com.br
BIENAL DE DANÇA. LANÇAMENTO

Pensar-dançar

Thereza Rocha, artista e pesquisadora, lança amanhã, 30, dentro da programação da Bienal, o livro *O Que é Dança Contemporânea?*

FILIPE ACÁCIO / DIVULGAÇÃO

João Gabriel Tréz
joaogabriel@opovo.com.br

Movimento do corpo, movimento coreografado do corpo, arte, diversão: o que é dança, afinal?

Dramaturgista e pesquisadora, Thereza Rocha se dedica ao tema há 20 anos e, nas aulas e palestras que dá, percebeu a urgência dos estudantes em relação à questão da contemporaneidade na área. Trabalhou, a partir da insistência da dúvida, num livro “em” dança contemporânea que será lançado amanhã, 30, dentro da programação da Bienal, no Teatro da Boca Rica. O lançamento ocorre dentro da ação *Conversa Dançada*, do projeto Estilhaços, do performer Leonardo França.

Ainda que debruçada na questão, o trabalho não necessariamente procura res-



Thereza Rocha é professora da UFC e pesquisa dança contemporânea há 20 anos

cessivamente, apresenta e re-pondê-la de todo. “Parecia contraditório à minha pesquisa encerrar um saber sobre algo que está no tempo e se modifica nele, a ponto de não ser possível classificá-lo, pois a dança contemporânea remexe o próprio conceito a cada nova obra que se apresenta dessa forma”, explica Thereza, em entrevista ao **O POVO**. Ao longo das 133 páginas, a obra, como objeto, procura, antes de responder, operar em si os conceitos postos pela pesquisadora. É como se o livro não fosse “sobre”, ele “é” dança contemporânea.

Colorida em roxo, rosa e azul, a obra propõe-se lúdica, de fluxo, pensamento e reflexão. Sem sumário ou ordem de leitura, ela é composta por fragmentos de texto independentes. A linguagem varia, ora como numa conversa íntima, ora mais técnica. Os pensamentos, no entanto, estão longe de se ancorarem na ideia de autoridade do pesquisador; pelo contrário, Thereza convida o leitor para pensar (e dançar) junto.

“A pergunta ‘o que é’ é a mais espontânea, ingênua e inteligente diante de algo que não reconhecemos”

“A pergunta ‘o que é’ é a mais espontânea, ingênua e inteligente diante de algo que não reconhecemos. Como dizem os cearenses, ‘que diabo é isso?’”, ri a autora. A resposta, no entanto, não vem fácil, ou mesmo na forma singular. “O livro convida o leitor, leigo ou especializado, a dar um tempinho, permanecer nos assuntos. Ele desconstrói a pergunta justamente porque não há resposta única para ela”, resume.

Lançar o livro na Bienal também não é por acaso já que, para Thereza, festivais e mostras de dança têm grande importância por apresentaram ao público “os possíveis”. “Quando festivais trazem contemporaneidade, trazem dissenso, que faz as pessoas irem ‘ao’ encontro das outras mesmo que estejam indo ‘de’ encontro nas ideias. Trazer trabalhos desafiadores, que sequer supomos que podem ser dança, amplia o campo de possíveis para quem assiste”, reflete.

Na ocasião do lançamento de *O Que É Dança Contemporânea?*, será apresentado conjuntamente ao livro a performance *A Brecha e o Muro*, de Leonardo França. Os autores-artistas vêm visitando algumas capitais das cinco regiões do Brasil para promover bate-papos performativos, nos quais os conceitos operados no livro-objeto são trazidos para a própria conversa. Mais uma vez, convidando o outro, seja ele público, leitor ou até si mesmo, para pensar-pensar-dançar.

Serviço

Lançamento - O que é dança Contemporânea?

da professora e pesquisadora Thereza Rocha, Ed. Conexões Criativas (133 páginas)

Quando: domingo, 30, às 17 horas

Onde: Teatro da Boca Rica (Rua Dragão do Mar, 260 - Centro)

Entrada franca.

Preço do livro: R\$40